

AUTOR DE UM MUNDO, AUTOR DE SI

Isabel Baraona

¹ HARRISON, Ch. & W. (1998) *Art in Theory 1815-1900, An Anthology of Changing Ideas*. Oxford: Blackwell.

RIMBAUD, J.-A. (1999) *Iluminações/ uma cerveja no inferno*. Tradução de Mário Césariny. Lisboa: Assírio&Alvim.

Oeuvres de Jean-Arthur Rimbaud (s/d), editado por Brentano's, NY.

² Como Baudelaire já havia tentado : “*Quem diz Romantismo, diz Arte Moderna – isto é, intimidade, espiritualidade, cor, aspiração pelo infinito, expressas por todos os meios que dispõem as artes*” in BAUDELAIRE, Ch. (2004) *A Pintura - textos essenciais*, volume 9. Direcção geral de Jacqueline LICHTENSTEIN. São Paulo: Editora 34: 96.

³ BAUDELAIRE, Ch. (2004) “Salão de 1859”. in *A Pintura - textos essenciais*, volume 5. Direcção geral de Jacqueline LICHTENSTEIN. São Paulo: Editora 34: 119.

⁴ Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, Apollinaire, Mallarmé, Isidore Ducasse (vulgo, Conde de Lautréamont), entre

Durante o esboçar da tese intitulada *auto-retrato e auto-representação: território de experimentação e mudança de paradigma no século XX*, recorro e cito frequentemente *je est un autre*,¹ frase que prima pela sua justeza e brevidade. A frase foi extraída de uma carta de Arthur Rimbaud a Paul Demeny de 1871, conhecida como *carta do vidente*. Aí se propõe uma nova forma de ser poeta e fazer poesia e, até, de viver, avançando-se uma nova definição do Romantismo. Aí se prenuncia o movimento moderno.² Em 1859, Charles Baudelaire havia dito que “*O artista, o verdadeiro artista, o verdadeiro poeta, só deve pintar de acordo com o que vê e sente. Deve ser realmente fiel à sua própria natureza.*”³ Mas Rimbaud é mais radical na defesa acutilante da necessidade de auto-conhecimento e liberdade pessoal, reclamando-a para ambos os sexos, em plena ruptura com as convenções sociais do seu tempo. Reformulando o início da modernidade,⁴ declara que “*quand sera brisé l’infini servage de la femme (...) elle sera poète, elle aussi! La femme trouvera de l’inconnu! Ses mondes d’idées differont-ils des nôtres?*”⁵ Nesta missiva, Rimbaud diz ainda: “*O Poeta faz-se vidente por um longo, intenso e disciplinado desregramento dos sentidos. (...) esgota em si mesmo todos os venenos, guardando unicamente as quintas-essências. (...) Pois ele vai até ao desconhecido.*”⁶

je est un autre é, pois, um manifesto amoral sobre a urgência e necessidade de um auto-conhecimento (isento de qualquer tipo de auto-censura), manifesto que pugna pela autenticidade e excelência no processo criativo. Porém, há nesta declaração a consciência de que uma excessiva acuidade pode conduzir a uma qualquer forma de loucura. Aceita-se tudo o que

transcende o (nosso) entendimento e procura-se deslindar todos os pré-conceitos edificantes sobre nós próprios. Rimbaud propõe uma noção de ética centrada unicamente na obra – cuja construção exige tudo. Recorda-nos que a origem grega da palavra poeta é *aquele que faz* e que poesia é *acção de fazer algo*; logo, o poeta actua, é responsável e participativo na construção de uma nova ordem social: “*l’art éternel aurait ses fonctions, comme les poètes sont citoyens. La poésie ne rythmera plus l’action; elle sera en avant.*”⁷

je est un autre não é uma escolha, é uma constatação, o reconhecimento de uma vocação; indicia que a obra excede o seu autor, ou que é a soma do trabalho de vários autores, pois “*que ele rebente (...) virão outros horríveis trabalhadores; começarão pelos horizontes onde o outro tombou*”. *je est un autre* indica ainda que, para além de *uma autoria individual*, existe uma obra “maior” cuja dimensão é constituída por laboriosa genealogia entre pares, pressupondo uma completude no tempo presente (no tempo de divulgação da obra) mas salvaguardando o “não fechamento” da obra, num futuro cuja extensão não é mensurável. Porém, esta não é uma filiação passiva – é afectiva, sobretudo crítica⁸– sendo apenas passível de análise posterior, visto que nenhum movimento estilístico é, à partida, predefinido ou programático, antes, fruto de uma sequência e consequência de encontros entre pessoas e obras. Como numa linhagem de Aedos: o meu corpo e a minha voz são o instrumento de uma voz colectiva, social.

EU: AUTOR.

«*J’assiste à l’éclosion de ma pensée: je la regarde: je l’écoute*»⁹

Rilke, contemporâneo de Rimbaud, corrobora esta necessidade absoluta de auto-conhecimento: “*Aprendo a ver. Não sei porque motivo, tudo penetra em mim mais profundamente*

outros escritores e poetas do século XIX, foram os fundadores da modernidade, tendo exercido uma influência basilar nas rupturas estéticas promovidas pelos movimentos artísticos precursores do século XX.

⁵ in *Oeuvres de Jean-Arthur Rimbaud* (s/d), editado por Brentano’s, NY: 207

⁶ RIMBAUD, J.-A. (1999) *Iluminações/ uma cerveja no inferno*. Tradução de Mário Cesariny. Lisboa: Assírio&Alvim.

⁷ *Oeuvres de Jean-Arthur Rimbaud* (s/d), editado por Brentano’s, NY: 206.

⁸ “Les premiers romantiques ont été *voyants* sans trop bien s’en rendre compte (...) les seconds romantiques sont très *voyants* (...)”, in *Oeuvres de Jean-Arthur Rimbaud* (s/d), editado por Brentano’s, NY.

⁹ in *Oeuvres de Jean-Arthur Rimbaud* (s/d), editado por Brentano’s, NY: 2004

¹⁰ RILKE, R.(2003)
As anotações de Malte Laurids Bridge (Tradução de Maria Teresa Dias Furtado). Lisboa: Relógio de Água.

¹¹ Afinal, o século dos Românticos é o século da revolução industrial.

¹² RILKE, R. (2003)
As anotações de Malte Laurids Bridge (Tradução de Maria Teresa Dias Furtado). Lisboa: Relógio de Água.

¹³ MIRANDA, J. e CASCAIS, A.(2002)
prefácio da edição:
FOUCAULT, M. – *O que é um autor?* Lisboa: Veja: 25.

¹⁴ Estado de alienação que, dependendo do indivíduo, pode não ser compatível e levar a alguma espécie de loucura.

*e não se imobiliza no ponto em que costumava extinguir. Tenho uma interioridade que desconhecia. Tudo agora para aí caminha. Não sei o que aí se passa.*¹⁰

Que bem expressa Rilke a vertigem e a coragem que requer ser capaz de formular *um qualquer pensamento* para além das convenções, das ideias feitas, dos tiques de estilo, dos estereótipos aprendidos e repetidos, dos clichés! - Aprender a ver, sobretudo a questionar, é também consequência da divulgação do saber e do desenvolvimento tecnológico.¹¹ No parágrafo seguinte, Rilke insiste: *Já o disse? Aprendo a ver. Sim, estou a começar. Ainda é difícil.*¹²

Este é um excerto de desarmante simplicidade. Ver é difícil. É, talvez, o único exercício contínuo e inesgotável para todo aquele que exerce uma profissão relacionada com a produção de pensamento e carácter criativo, cultivando uma capacidade, sempre renovada, de questionar o que apreende. Nesta mesma ordem de ideias, Foucault ditará posteriormente que o autor *“se empenha em propor uma ética intelectual, a do desprendimento de si próprio como forma de auto-reconstrução incessante, uma arte de viver, uma estética da existência.”*¹³ É, entre o século XIX com Rimbaud e Rilke e, posteriormente, com Foucault, que germina uma nova faceta do conceito utópico de obra de arte total, a que pressupõe assumir todos os riscos e sobrepor zonas de existência e de comportamento.¹⁴

Assim, *autor* designa todos os autores de todas as disciplinas; os termos *autor* ou *artista* substituem os vocábulos *pintor*, *escultor*, *escritor* ou *poeta*. A abolição destes termos leva a consolidar o conceito contemporâneo de artista plástico, aquele cujo trabalho implica os saberes e uso de diversas disciplinas e materiais mas que não se consagra a nenhuma disciplina

ou *medium* específico, utilizando todos os meios necessários à concretização do seu projecto. Qualquer homem é, antes de tudo, autor de si, assumindo a responsabilidade pessoal das suas escolhas, não havendo Deus, nem Estado a que possa ser imputado: “o autor de si próprio é o homem autêntico, aquele que faz da sua vida uma obra que exige permanente cumprimento.”¹⁵

O OUTRO: OBRA.

Muitos outros autores de diversos universos, da ficção à teoria da literatura, abordam, com igual justeza de palavras, este *devoir* autor. Em *Lecture*, texto acerca de um romance fortemente auto-biográfico de Henry Bauchaud,¹⁶ Jean Florence comenta «*L'expérience poétique, qu'un Rimbaud définit par son "je est un autre", est la ruine de la psychologie (...). Ruine du moi, ruine du miroir et de l'objectivation trompeuse qu'il instaure (...) l'autobiographie est impossible, que le langage brise le miroir et reporte à l'infini le moment des retrouvailles.*»¹⁷ Ou seja, nenhum documento é exclusiva e inequivocamente uma projecção autobiográfica do autor; esta projecção directa entre o autor e a obra é uma impossibilidade, porque o exercício de transpor uma memória em linguagem obriga à construção de uma *outra estória*. Esta *escrita de mim* é fortemente marcada pelo tempo presente – pelas circunstâncias actuais e pelo distanciamento temporal do que narro: quando rememoro e narro já sou outro, já vivi a experiência e já fui transformado por ela. Não pretendo levantar questões como veracidade ou pureza de factos, apenas ressaltar que existe um hiato temporal entre a acção (do momento presente) e a narrativa desse momento; e, também, que a passagem do tempo e banalidade da vivência quotidiana nos transforma lenta e inevitavelmente, alterando a forma como evocamos, analisamos e relatamos. Assim, apesar da aparente contradição, a linguagem é uma ferramenta de substituição

¹⁵ MIRANDA, J. e CASCAIS, A. (2002) prefácio da edição: FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Veja: 25.

¹⁶ De origem belga, Henri Bauchaud, reconhecido dramaturgo, romancista e poeta, é um verdadeiro humanista, dedicado às letras e à psicanálise.

¹⁷ OBAUCHAUD, H. e FLORENCE, J. (1986) *La déchirure./ Lecture. Psychanalyse, fiction et vérité.* Bruxelles: Labor.

¹⁸ Citação de Paula Castro e José Daniel Ribeiro na introdução de um opúsculo de DAGERMAN, S. *A nossa necessidade de consolo é impossível de satisfazer* (1992). Lisboa: Fenda.

¹⁹ VALÉRY, P. (2003). *Degas dança desenho*. São Paulo: Cosac & Naify.

²⁰ Sobre a biografia enquanto documento de vida/morte: “a biografia procura dominar esta relação, apresentando como sujeito absoluto o que é apenas sujeito possível”, MIRANDA, J. e CASCAIS, A. (2002), prefácio da edição: FOUCAULT, M. *O que é um autor?*. Lisboa: Veja: 12.

²¹ SARAMAGO, J. *Manual de pintura e caligrafia* (1983) Lisboa: Caminho: 166

que visa preservar uma memória, ciclicamente alterada no (e com o) contínuo passar do tempo. Para além de que, enquanto leitor consciencioso, receio determinadas ferramentas analíticas e subscrevo: “*Recuso-me, enquanto leitor, a olhar um homem e a sua obra como quem cata sintomas.*”¹⁸ Ou, como diz Paul Valéry: “*não tenho uma opinião muito boa das biografias, o que prova apenas que não fui feito para escrevê-las. De todo o modo, a vida de alguém não passa de uma sequência de acasos, e de respostas mais ou menos exactas a acontecimentos casuais...*”¹⁹ Este texto procura explicitar a quase impossibilidade de construir uma *autobiografia total* (que incluía as várias identidades que incarnamos e vivemos: sujeito ou autor, entre tantas outras) apresentando a hipótese de que um testemunho biográfico verídico²⁰ e “justo” comportaria inúmeras versões dos mesmos factos, ou seria composto por um conjunto de documentos. Logo, paradoxalmente, no caso de um autor, o único documento autobiográfico que resiste à transitoriedade do tempo é o conjunto que constitui a sua obra.

*Esta é a mais simples biografia de um homem, de um mundo e talvez também de um quadro. Ou de um livro. Insisto que tudo é biografia. Tudo é vida vivida, pintada, escrita: o estar vivendo, o estar pintando, o estar escrevendo; o ter vivido, o ter escrito, o ter pintado.*²¹ •